



## Inglês de Sousa: dois dedos de prosa sobre a recepção da obra.

Paulo Nunes

Doutorando em Literatura Comparada na PUC Minas.  
Professor da Universidade da Amazônia - UNAMA



*Ao Gutemberg Guerra, pelos diálogos e sugestões.*

### I

Se folhearmos os manuais de Literatura Brasileira do nível médio de ensino, nos depararemos com uma injustiça; injustiça não muito rara: qual o iniciador do Naturalismo no Brasil? Aluísio Azevedo, certo? Certo! É o que dirão os livros escolares. Errado! É o que dirá, de certa forma, nossa consciência indignada. Nada contra Aluísio Azevedo (para mim, *O Cortiço* é uma obra-prima do romance de tese! O leitor que não leu este romance apresenta, sem dúvida, uma lacuna em seu repertório). Mas a indignação se deve ao silêncio ou ao desprezo que se abate sobre os escritores do Norte do Brasil. O que impediu a crítica e a historiografia brasileira de reconhecer no autor de **O Coronel Sangrado** o iniciador do nosso Naturalismo?

É bem verdade que Inglês de Sousa, ainda estudante, antecipou-se ao publicar **O Cacaulista** e **Histórias de um pescador** (1876).. Muito antes das obras de Zola e Eça de Queiroz circularem fartamente no Brasil. Isto talvez tenha chocado o público. Silêncio semelhante marginaliza, por exemplo, a poesia negra de Bruno de Menezes ou a obra romanesca de Dalcídio Jurandir, para mim um dos maiores escritores da Latinoamérica. O Brasil é um país continente, fragmentado, ainda em busca de suas várias identidades nacionais (elas existiriam?).

Mesmo a despeito de todo o esforço dos modernistas de 22 em redescobrir os brasis contidos no Brasil - e a Amazônia foi privilegiada nesse intento -, o Norte brasileiro tem dificuldade de fazer valer suas vozes no cenário nacional. A obra de Inglês de Sousa é vítima desse processo desagregador. E olhe que Inglês de Sousa é o escritor nascido na Amazônia que se fez mais conhecido fora dos limites da região (também pudera!, dirão alguns, afinal ele migrou da região ainda na adolescência). E sua atuação no campo jurídico e político lhe valeu fama e reconhecimento. No Rio de Janeiro, foi um dos fundadores da Academia Brasileira de Letras - ABL, escolhido, na chapa que tinha Machado de Assis como presidente, para a função de primeiro tesoureiro do silogeu.

Poucos foram os estudiosos que, lúcidos, fizeram justiça a Sousa. O professor Jacinto do Prado Coelho, no *Dicionário de Literatura* (Figueirinhas, Porto: 1982) é quem afirma: "O início do movimento naturalista marca-se pelos anos de 1877, quando se publica *O Coronel Sangrado*, de Inglês de Sousa. Não alcançando êxito [junto à crítica], porém somente em 1881 se instala de vez o Naturalismo com a publicação de *O Mulato* de Aluisio Azevedo..." (COELHO:1982: 703).

Percebe-se, dessa maneira, que o mestre português vincula o início do Naturalismo em terras brasileiras ao escritor obidense, embora o faça sem querer afrontar seus pares brasileiros.

Antonio Olivieri, em prefácio à edição de *O Missionário*, da editora Ática, faz justiça:

*É possivelmente a formação acadêmica – liberal e positivista – que permite a Inglês de Sousa transcender os ideais e a estética do Romantismo e preceder em cinco anos o Naturalismo de Aluisio Azevedo, escrevendo pioneiramente, em terras brasileiras, dois romances em que a objetividade e a análise dos "fatos" predominam. Em O Cacaquista e O Coronel Sangrado (de 1876 e 1877), contra O Mulato de 1881), já se encontram princípios que iriam nortear a prosa naturalista, como as relações homem/meio, ou a projeção de um romance seriado que constituísse um amplo documento da vida social da Amazônia'*

(Olivieri:1982:5).

Ora, meus amigos, se **O Coronel Sangrado** não apresenta os temperos naturalistas, pois é acusado de ter ainda traços românticos, o que quer dizer de **O Mulato**, em que Raimundo e Ana Rosa viveram amores românticos tatuados e tolhidos pela perversidade da sociedade provinciana e mesquinha do Brasil de então?

Presumo que todo problema que envolve a recepção dos autores amazônicos — e a conseqüente injustiça que sobre eles se abate — está relacionada à ignorância brasileira sobre a cultura da região. A inteligência brasileira, com raras exceções, desconhece a diversidade do Brasil. Ela, se não toda, a maior parte dela, negou-se a seguir os ensinamentos de Mário de Andrade que saiu de seu gabinete de estudos e *pisou na lama* para conhecer, in loco, as manifestações culturais de nosso país durante a histórica viagem de 1927. Já nos bastam as teorias artificiais. Já basta de conhecimentos de proveta. Prática e teoria, teoria e prática necessitam andar juntas. O Brasil precisa conhecer, gostar dos Brasis. Mas como se pode gostar de algo que se desconhece?

Afora a literatura evidentemente naturalista – **O coronel sangrado, O cacauista, Histórias de um pescador, O missionário**, Inglês de Sousa desenvolveu, com maestria, a narrativa curta, o conto. Seu **Contos amazônicos** (a edição de Presença/INL, Rio de Janeiro, que data de 1978 encontra-se esgotada, infelizmente) faz transitar, no cenário da floresta, personagens, tipos, mitos da região amazônica, sobretudo do Baixo Amazonas, região natal do escritor (ele nasceu em Óbidos no séc. XIX). A recriação dos mitos amazônicos, por exemplo, encontra acolhida em "Acauã", conto que alguns classificam como fantástico.

## II

Marcos Herculano Inglês de Sousa é autor de vasta obra. Obra que abrange as áreas jurídica, política e literária. Por questões evidentes, interessa-nos aqui sua expressão de ficcionista: o autor de contos e romances. A narrativa curta, ao que parece ato relativamente comum entre os ficcionistas, serviu como uma espécie de preparatório que fez amadurecer o estilo que desaguaria no romance. Descartamos a vertente doutrinária e passamos a

sobrevoar sua obra de ficção. O objetivo deste artigo é jogar um olhar sobre a recepção crítica do autor obidense.

\*

Como dissemos anteriormente, Inglês de Sousa é, talvez, menos conhecido do que deveria. Não recebeu do público e da crítica de seu tempo, a acolhida que se esperava como aquele autor que ajudou a corroer os pilares do Romantismo e a instaurar entre nós o Naturalismo. Ele, autor das cenas da vida amazônica (**O cacaulista**, **Histórias de um pescador**, 1876, **Coronel sangrado**, 1877), dá início a este estilo de época que, nas palavras de Alfredo Bosi, transforma a prosa de ficção “na grande forma séria, apaixonada, viva, do estudo literário e da vida social” (Bosi apud Olivieri: 1987:5).

Lúcia Miguel Pereira, diga-se de passagem, uma das responsáveis diretas pelo não esquecimento de Inglês de Sousa, faz-lhe justiça ao citar outro crítico. Quase indignada pelo esquecimento relegado à parte da obra do escritor paraense, diz-nos ela:

No seu estudo sobre Inglês de Sousa, diz Olívio Montenegro que **O Missionário** é um livro caipora, cuja fama fica muito abaixo do seu valor. E, censurando os críticos do tempo que lhe deram pouca importância, dedica-lhe um capítulo todo no seu excelente **O Romance Brasileiro**. Muito mais caiporas são, porém, as primeiras novelas de Inglês de Sousa, que o próprio ensaísta pernambucano mal menciona (...) **O Missionário** não terá a repercussão que merece, mas sempre tem alguma, e elas, as pobres, não são lembradas nem mesmo quando se trata do seu autor.

(Pereira: 1994: 64)

Como já anunciou acima a professora, a obra mais importante de Sousa, parece consenso, é **O missionário**. Escrito em 3.<sup>a</sup> pessoa, **O missionário**, segundo aponta Josse Fares, professora de Literatura Brasileira da Universidade da Amazônia, apresenta:

um poderoso narrador, que tem em si as ferramentas da onisciência e da onipresença. Notamos, no decorrer da narrativa, uma certa escassez de diálogos, o que faz com que os personagens não se possam expressar sem o devido crivo do narrador. Assim o discurso indireto ganha força, o que, a nosso ver, faz diminuir a intensidade emocional de determinadas cenas, notadamente aquelas que dão conta do envolvimento do padre Antônio Morais com Clarinha, a tapuia sedutora. (Fares:1987: 01)

Segundo Bella Jozef, autora de um dos mais instigantes estudos sobre Inglês de Sousa a que tivemos acesso, **O missionário**<sup>1</sup> é evolução do conto “O sofisma do vigário”<sup>2</sup>.

A narrativa se desenvolve no Baixo Amazonas, mais especificamente no município de Silves, interior do Amazonas, espaço perfeito para a re-instauração do cenário narrativo amazônida a que Sousa se propõe em sua obra literária. Afora isso, a floresta - e todo o imaginário que dela se construiu ao longo dos séculos - parece servir *como uma luva* para se desenvolver as tendências afrodisíacas que darão tempero necessário

<sup>1</sup> O leitor deve estranhar o fato de durante este ensaio termos

**Inglês de Sousa: textos escolhidos**, coleção Nossos Clássicos, da editora Agir, Rio de Janeiro, 1963.

<sup>1</sup> Embora alguns apontem esta característica como desvantajosa, uma vez que torna o enredo mais lento, Lúcia Miguel Pereira faz comentários elogiosos à habilidade descritiva do estilo de IS.: "a vivacidade com que são descritos os costumes, a humanidade das criaturas, a verossimilhança das situações só se comparam na nossa literatura até o seu aparecimento, às Memórias de um sargento de milícias, às quais nada fica a dever o Coronel Sangrado (Pereira:1994: 66).

ao determinismo mesológico que se abaterá sobre o protagonista da trama. Segundo, entretanto, Josué Montello, no prefácio da edição de **O Coronel Sangrado** (edUFPa, 1968), o fato de os romances de Sousa "terem como cenário a Amazônia, fixam mais o homem que a selva, como se essa, com sua opulência, não interessasse ao romancista, que desejava surpreender e apreender o elemento humano, nas suas lutas e suas fraquezas, nos seus caracteres e nas suas determinações"(Montello:1968: 03). Afirmção com a qual não nos obrigamos a concordar.

Antônio Olivieri, por sua vez, no excelente prefácio à edição da Ática, desentranha do enredo da obra quando afirma:

*"...Em meio à história do padre Antônio de Moraes, intercala-se uma série de pequenas histórias, de conteúdo marcadamente social e crítico, em que prevalece a observação sobre a interpretação, em que o narrador prefere apontar situações ao invés de analisa-las discursivamente, afastando-se do mecanismo teórico do Naturalismo, o que lhe dá maior força e confere mais vivacidade ao que narra. Com estes fragmentos narrativos que não se submetem às leis naturalistas, Inglês de Sousa compõe um mosaico de estruturas sociais vigentes na região focalizada, do dia-a-dia da pequena burguesia interiorana do Pará, que chega a transcender o aspecto regional e revelar-se como um documento da vivência histórica de todo o país..."* (Olivieri: 1987: 09)

\*

Certa vez, a romancista Lindanor Celina, em debate com os alunos de Letras da Universidade da Amazônia, relatou sua experiência como romancista e afirmou que "o ficcionista que não tem memória está perdido". Não que os elementos rememorados sirvam para a transposição direta ao texto literário. Na verdade a memória é um recurso que oferece matéria-prima para a transfiguração. Assim se dá, no século XX, com a autora de **Breve Sempre**. Assim se deu com Inglês de Sousa no século XIX (embora José Veríssimo, seu conterrâneo, fale que alguns de seus quadros de memória da ficção amazônica são esmaecidos). O que seria da obra ficcional de Sousa, sem a retenção – seletiva retenção - de cenas e tipos de sua região natal? Ora, sabe-se que o autor de **Contos amazônicos**, ainda adolescente, transferiu-se da Amazônia sem nunca mais a ela ter retornado. O poder da memória de que fala Lindanor Celina tem, portanto, papel primordial na obra de ficção de Marcos Herculano Inglês de Sousa.

\*

Bella Jozef demonstra equilíbrio ao falar da literatura de Inglês de Sousa. Ela faz comentários detalhados acerca da obra do autor paraense, apontando-lhe virtudes e defeitos. Mais virtudes, é verdade. É a professora da Universidade de São Paulo quem afirma:

*Inglês de Sousa move-se em seu tempo, observa e descreve a sociedade em cujo âmbito vive; focaliza os elementos representativos, pontos freqüentes de reuniões, ruas, praças, estabelecimentos. Pretendeu dar um espelho*

*fiel quanto possível do homem e do mundo que o rodeia.*  
(Jozef: 1963: 14)

Assim é destacado o esforço do "retratista"<sup>1</sup> pronto a fixar – sobretudo através das análises de comportamentos das personagens – a sociedade circundante com tonalidades mais realistas. Diferentemente do universo ficcional romântico que tendia às idealizações de personagens e cenários, às pinturas em cor-de-rosa do mundo circundante, os naturalistas, que, podemos afirmar, tiveram como ponta de lança Inglês de Sousa, pretendem aproximar o mundo real do ficcional, aproximar realidade e fantasia, perseguindo sempre a verossimilhança<sup>1</sup>.

É ainda Jozef que, de certo modo, nos surpreende quando coloca Sousa como o precursor do romance regionalista nordestino contemporâneo ao século XX:

*Inglês de Sousa pretendeu dar um espelho fiel quanto possível do homem e do mundo que o rodeia. Neste sentido consideramo-lo precursor do romance nordestino contemporâneo: descontadas as diferenças de época e personalidade, corresponde à linha psicológica que configura o ciclo do Nordeste, assimilando sua temática, na luta e relação do indivíduo e do meio...*<sup>2</sup> (idem-ibidem)

O meio e o homem, como se sabe, se embatem na literatura de cunho realista-naturalista. Mesmo antes das obras de Émile Zola, o grande mentor dos realistas, serem difundidas no Brasil, o autor de **O cacaulista** já apontava para caminhos que lentamente se afastavam do Romantismo. Bella Jozef assinala com propriedade:

*[Em IS] o estudo dos personagens é feito à maneira dos da fisiologia. O protagonista não é um herói que se realiza qual uma peça individualizada e independente: é movido deterministicamente por todas as forças biológicas e sociais. Este é o drama dos personagens dos romances e contos realistas e naturalistas. Tudo é reduzido às injunções do instinto ou do interesse. Vemo-lo claramente em O Missionário: o padre Antônio luta contra os obstáculos do ambiente natural e social. É vencido pelas forças dissolventes do meio...*  
(Jozef: 1963: 16)

Mas a hereditariedade atravessa – e de modo decisivo - o caminho do padre Antônio Moraes. Como diz o povo, "filho de peixe, peixinho é". E o sangue paterno fez mesmo muita diferença na definição dos destinos do padre ("...não seria ele filho de Pedro Ribeiro de Moraes, o devasso fazendeiro de Igarapé-mirim...") Bella Jozef ao radiografar a alma do padre Antônio, aponta

*páginas vigorosas em que a ação do determinante da 'hereditariedade psicofisiológica' o faz sucumbir. Inglês de Sousa serviu-se das leis de Mendel para criar situações geradas pela hereditariedade. Consegue manter em estado latente os impulsos entrevistos nos atos e pensamentos do padre, procurando demonstrar que o temperamento pode desequilibrar o caráter...* (idem-ibidem)

<sup>1</sup> Vicente Salles, autor de um ensaio essencial que introduz a edição de **História de um pescador**

na coleção Lendo o Pará, da SECULT-Pa, contraria a tese da fixação da Amazônia pela memória de IS; ele afirma: "Inglês de Sousa deve, portanto, ter reconstituído o mundo amazônico pela ótica e pai memória dos pais. Assim, não podia ter sido um paisagista em telas gigantescas; o quadro para o desenvolvimento de suas idéias não poderia ser maior do que foi." (Salles: ?; 1990) Este estudo é essencial para quem deseja estudar IS.

<sup>2</sup>Em **Pedras de Encantaria**

(EdUnama, 2000), escrito em parceria com Josse Fares, destaco que na verdade, IS é determinante para a prosa de ficção contemporânea da Amazônia, pois que ele, a meu ver, influi decisivamente na literatura do Extremo Norte, de Dalcídio Jurandir, bem como na ficção de Ildefonso Guimarães e Benedicto Monteiro.

Mas se o atrelamento às teses científico-filosóficas em voga no século XIX dá ao missionário lugar de destaque no cenário da literatura nacional, é também motivo de protesto da mais obstinada admiradora do autor de *Óbidos*, a ensaísta Lúcia Miguel. Ela chega inclusivamente a reclamar, como veremos abaixo:

*Os leitores de hoje vão notar, mais do que os de outrora, as suas deficiências; não que o espírito crítico se haja generalizado, mas porque, na sua quase totalidade, as fraquezas de O Missionário provêm da escola literária a que se filia (...) Inglês de Sousa, que nos romances de mocidade fora muito livre e pessoal, não pôde fugir à sedução da moda. Por isso tornou-se prolixo, ele que a princípio se mostrara tão enxuto e incisivo, atrelou-se a uma tese, ele que se revelara observador imparcial. (Pereira:1994: 68)*

Bem, prolixo ou enxuto, o que se precisa é, urgentemente visitar a literatura de Inglês de Sousa. Por isso, faz-se necessária a republicação de toda a sua prosa literária. Que as editoras universitárias se lancem ao desafio, uma vez que as comerciais parecem não estar sensibilizadas. Editoras, mãos à obra!

\*

\*

#### Inglês de Sousa – **O missionário** (excerto)

*Entrega-se, de corpo e alma, à sedução da linda rapariga que lhe ocupara o coração. A sua natureza ardente e apaixonada, extremamente sensual, mal contida até então pela disciplina do seminário e pelo asceticismo que lhe dera a crença na sua predestinação, quisera saciar-se do gozo por muito tempo desejado, e sempre impedido. Não seria filho de Pedro Ribeiro Morais, o devasso fazendeiro de Igarapé-mirim, se seu cérebro não fosse dominado por instintos egoísticos, que a privação de prazeres açulava e que uma educação superficial não soubera subjugar. E como os senhores padres do Seminário haviam pretendido, destruir, ou ao menos, regular e conter a ação determinante da hereditariedade psicofisiológica sobre o cérebro do seminarista? Dando-lhe uma grande cultura de espírito, mas sob um ponto de vista acanhado e restrito, que lhe excitar o instinto da própria conservação, e o interesse individual, pondo-lhe diante dos olhos, como supremo bem, a salvação da alma, e como meio único, o cuidado desta mesma salvação. Que acontecera? No momento dado, impotente o freio moral para conter a rebelião de apetites, o instinto mais forte, o menos nobre, assenhoreara-se daquele temperamento matuto, disfarçado em padre de S. Suplício. Em outras circunstâncias, colocado em meio diverso, talvez que padre Antônio Morais viesse a ser um santo,, no sentido puramente católico da palavra, talvez que viesse a realizar a aspiração de sua mocidade, deslumbrando o mundo com o fulgor de suas virtudes ascéticas e de seus sacrifícios inauditos. Mas nos sertões do Amazonas, numa sociedade quase rudimentar, sem moral, sem educação... vivendo no meio da mais completa liberdade de costumes, sem a coação da opinião pública,, sem a disciplina duma autoridade espiritual fortemente constituída... sem estímulos e sem apoio... devia cair na regra geral dos seus colegas de sacerdócio, sob a influência enervante e corruptora do isolamento , e entregara-se ao vício e à depravação, perdendo o senso moral e rebaixando-se ao nível dos indivíduos que fora chamado a dirigir.*

## Bibliografia

Coelho, Jacinto do Prado. **Dicionário de Literatura**. Porto, Figueirinhas, 1982.

Fares, Josse. "O Missionário: material de aula". Belém, 1987.

Jozef, Bella. **Inglês de Sousa: textos escolhidos**. Coleção Nossos Clássicos. Rio de Janeiro, Agir, 1963.

Montello, Josué. Prefácio de **O Coronel Sangrado**, Belém, EdUFPa, 1968.

Olivieri, Antônio. Prefácio de **O Missionário**. São Paulo, Ática, 1987.

Pereira, Lúcia Miguel. **Escritos da Maturidade**. Rio de Janeiro, Graphia, 1994.

Salles, Vicente. Introdução ao volume de **História de um pescador**. Belém, SECULT-Pa, 1990.

Sousa, M. H. Inglês de. **O missionário**. Ática, 1987.